



Recebido em 25/05/2020

Aprovado em 30/06/2020

DOI: 10.26512/emtempos.v1i36.31768

DOSSIÊ

Decifrando as fugas escravas: narrativas, senhores e fujões na cidade do Rio de Janeiro (1840-1850)

Decode slaves escapes:
narratives, masters and runaways in the city of
Rio de Janeiro (1840-1850)

Fernanda Cristina Puchinelli Ferreira

Mestranda em História na UFSJ

nandapuchinelli@hotmail.com

RESUMO: A fuga de escravos estava inserida socialmente dentro das cidades escravistas atlânticas, em especial, na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Perscrutar os significados e sentidos que uma fuga tinha para os escravos, senhores de escravos e outros segmentos sociais, bem como era entendida por cada um deles são os fios condutores deste trabalho. Por meio da análise de cinco mil anúncios de escravos fujões, publicados entre os anos de 1840 e 1850 no Diário do Rio de Janeiro, buscamos compreender os modos pelos quais os escravos se inseriram socialmente no mundo urbano das cidades escravistas atlânticas durante a experiência de seu cativeiro, bem como as motivações e estratégias desses atores históricos em um momento crucial de suas vidas, aquele que no limite lhes permitiria romper com a sua condição de escravizado. Este artigo discutirá as possibilidades analíticas – para o universo da escravidão no Brasil – de abordagens sobre escravidão, imprensa e fugas escravas.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa. Fugas. Escravos.

ABSTRACT: The escape of slaves was inserted socially within the Atlantic slave cities, especially, in Rio de Janeiro city in the 19th century. Scan the meanings that an escape had for slaves, slave masters and others social segments, as understood by each of them are the guiding threads of this work. Through analysis of five thousand advertisements for runaway slaves, published between the years of 1840 and 1850 in the “Diário do Rio de Janeiro”, we seek to understand the ways in which slaves were socially inserted into the urban world of Atlantic slave cities during the experience of their captivity, as well as the motivations and strategies of these historical acts at a crucial moment in their lives, one that would ultimately allow them to break with their condition of enslavement. This article will discuss the analytical possibilities — for the universe of slavery in Brasil — of approaches about slavery, press and slave scales.

KEYWORDS: Press. Runaway. Slaves.

Fugas

O Brasil, não sendo diferente dos outros países que viveram sob o sistema escravista, também conheceu a história da resistência escrava. A fuga, a mais constante e previsível forma de resistência à escravidão, não é uma novidade para a historiografia brasileira, constituindo-se em elemento de suma importância para a compreensão do regime servil, forma de resistência que ganhou novos contornos e caminhos de análise graças aos avanços obtidos pelos recentes estudos no campo da História Social da Escravidão.

Como uma herança do período colonial, todas as atividades manuais eram realizadas pelos escravos, desde as tarefas mais braçais, até aquelas consideradas especializadas. Numa sociedade que desprezava o trabalho manual, a escravidão e o trabalho sempre estiveram unidos, e por isso milhares de africanos foram traficados ao Brasil a fim de suprir essa demanda por mão-de-obra. Apesar de ser visto pelos senhores como necessário, o sistema escravista converteu-se em um constante motivo de temor para a sociedade oitocentista, sobretudo a partir do levante de escravos na colônia francesa de São Domingos, que culminou na formação do Haiti. A fuga de escravos apenas deixava esse problema em um maior estado de atenção e temor, pois eram abundantes os indícios de rebeldia escrava nas décadas de 1830 e 1840. Apesar dos problemas que alguns escravos em fuga pudessem ocasionar, a escravidão, de maneira geral, continuou a constituir o ponto fundamental da sociedade oitocentista no Brasil.

Ao longo do século XIX, os senhores de escravos – principalmente nas cidades – começaram a recorrer à imprensa periódica para a publicação nos jornais de maior circulação pequenos textos informando as características físicas do seu fujão, como os seus costumes, o que poderia estar trajando e possíveis lugares por onde pudesse ser encontrado. A imprensa, a serviço dos negócios da escravidão, nos oferece incontáveis indícios das múltiplas particularidades da escravidão urbana. Os anúncios de fuga são bastante úteis para um estudo de história social não só da escravidão, mas também da imprensa e da sociedade oitocentista, pois eles narram o desaparecimento dos escravos, como a própria natureza do material já indica, mas também afloram a partir dessas pequenas narrativas as faces do cotidiano e da natureza da escravidão urbana.

Dentro de uma linha interpretativa pioneira sobre fugas escravas, destaca-se as contribuições de Clovis Moura, na crítica a um escravo passivo e acomodado diante do hegemônico patriarcalismo. O autor ressalta que a luta dos cativos existiu desde que o sistema foi estabelecido, por meio de ações como os suicídios, as insurreições, a formação de quilombos, fugas individuais e coletivas. Segundo Moura, as fugas eram contínuas e ocorriam por conta da própria situação do indivíduo enquanto escravo. A obra de Moura possibilitou um significativo avanço na compreensão sobre as revoltas escravas no Brasil, revelando a verdadeira face cruel nas relações entre senhor e escravo, deixando para trás a visão do cativo “benigno”¹, sendo a escravidão brasileira considerada tão perversa como em outros lugares do mundo. Essa nova concepção possibilitou o

¹ Esse conceito tido por Gilberto Freyre, sustentava a benignidade do sistema escravista brasileiro em comparação a outros modelos, como o norte americano, tido como o mais cruel. Para Freyre, o *patriarcalismo*, a religião católica e a miscigenação teriam se entrelaçados nas relações existentes entre o senhor e o escravo, o que gerou um tipo de sistema mais suave para os escravos, os quais seriam mais submissos (FREYRE, 2006, p.219).

entendimento de que a rebeldia escrava foi um elemento de reação bastante natural desse modelo violento e opressor que foi a escravidão. Porém, mesmo diante desses atos de rebeldia, ele entendia os escravos como pessoas sem consciência e alienadas, sem poder suficiente para se organizarem e com nenhuma capacidade de se reconhecerem enquanto classe (MOURA, 1998, p. 247).

Dando continuidade a esta linha que valoriza a rebeldia escrava, temos a obra de Suely Queiroz que, em sua tese, afirma que a fuga era a mais comum forma de se protestar contra a escravidão. Ainda que a fuga fosse, segundo a autora, uma ação que não exigia planejamento, precisava simplesmente de motivação, ao optar pela fuga, o escravo, revelava-se escravo consciente da sua ação, e não um escravo alienado. A preferência dada à ação de fugir em meio a outras escolhas, revela a percepção que o escravo tinha acerca da realidade na qual estava inserido (QUEIROZ, 1977, p. 201).

Em resumo, esses primeiros estudos representam uma parte da historiografia que argumenta que o escravo fugia para negar a escravidão e a sociedade que estava sempre disposta a oprimi-lo, livrar-se de tudo isso. No entanto, o problema dessa linha de raciocínio é a premissa de que o escravo em nenhum momento optava por fugir baseando-se em motivos e experiências próprias, em uma reflexão sobre sua situação. Fugia como que por impulso.

Alguns autores se dedicaram a realizar uma crítica sobre as concepções dessa historiografia. A obra “Escravos: fugas e fugas”, na qual é ressaltada a importância do estudo da fuga a partir de suas especificidades, realiza uma crítica a frequente forma de uso do termo “resistência” de uma maneira sistêmica, sem que haja uma análise crítica das suas significações e características, que muitas vezes são distintas (GEBARA, 1986, p. 90). Maria Helena Machado, também faz críticas a essas perspectivas. Para a autora, a historiografia trabalhou inicialmente com conceitos formulados somente através de ações extremas de negação à escravidão como revoltas, formações de quilombos, etc. Segundo ela esse tema requer amplos e complexos estudos, e trabalhou em reforçar o surgimento de novas tendências de análise sobre a escravidão no Brasil, e que na medida que vão superando os antigos elementos componentes desse estudo, vai dando ao escravo o papel de figurante no processo histórico, e capaz de interagir integralmente com ele (MACHADO, 1987, p. 146).

Abandonando a interpretação da fuga sob uma visão bastante romantizada, que envolvia o escravo em uma imagem de um sujeito repleto de heroísmo e de coragem, e assim montado uma oposição com a imagem daquele escravo passivo encontrado nos primeiros estudos sobre o tema. Na década de 80 do século passado, a historiografia da escravidão, com base em novas fontes, novos métodos e novas abordagens, sofreu uma profunda transformação. Valorizando a cultura e a experiência do cativo, as redes de sociabilidade e as singularidades dos escravos, conceitos tradicionais, como o de resistência, são revistos. O escravo pacífico e alienado, ou violento, mas igualmente alienado, dá lugar ao escravo como agente social de sua história.

As primeiras reflexões sobre a escravidão no Brasil que procuraram não identificar genericamente os atos de resistência escrava com a violência, foram da historiadora americana Mary Karasch, com o seu estudo sobre a presença da escravidão na cidade do Rio de Janeiro. No que diz respeito às fugas dos escravos, Karasch irá

relacioná-las à geografia da cidade, conjuntamente com a forma de vida e a escravidão urbana. O que dava esperança para o escravo realizar a fuga era a possibilidade de fugir mas permanecer, mantendo assim os laços e a sociabilidade que conquistara em sua vida de cativo. Entre outros motivos que levavam à fuga, Karasch destaca com mais detalhe os episódios de venda de escravos, as vendas indesejáveis, e a quebra de algum trato verbal. Esse novo modelo de análise, do qual Karasch foi pioneira, está empenhado em não negar e nem amenizar os horrores da escravidão, e sim em devolver ao escravo um pouco de reconhecimento da sua luta (KARASCH, 1987, p. 397).

Essas análises recentes, contudo, empenham-se em enfatizar o papel que os escravos desempenharam na história, considerando-os pessoas ativas e conscientes do processo histórico. Cativos capacitados para agirem de acordo com lógicas e racionalidades próprias, atores conscientes da sua condição na sociedade. As ações desses escravos sempre estiveram fortemente ligadas à experiências e tradições históricas únicas e originais, que eles vivenciaram durante a vida em cativo (CHALHOUB, 1990, p. 318). Sidney Chalhoub combina elementos da antropologia e da história social para buscar entender os escravos como agentes históricos e desvendar os significados da ideia de liberdade para eles. Apresentando uma consistente metodologia sobre como utilizar-se do cotidiano popular e pensar a circulação de informação para melhor historicizar as fontes, o autor ressalta que é preciso colocar determinado acontecimento ou fato histórico em contexto histórico. O autor resgata as imprevisibilidades dos acontecimentos, para assim compreender o sentido que os personagens históricos de uma outra época atribuíam a suas próprias lutas, os sentidos dados pelos escravos a suas próprias ações e experiências.

Segundo Chalhoub, “para os negros, o significado da liberdade foi forjado na experiência do cativo” (CHALHOUB, 1990, p. 29), na capacidade de perceber e entender as situações as quais estavam submetidos e suas possibilidades de ação dentro delas. O significado dessa liberdade sem dúvida estava ligado aos aspectos traumáticos da escravidão, como a constante transferência da propriedade, as frequentes compra e venda, os castigos intoleráveis, a desconsideração das suas relações afetivas, o não cumprimento dos tratos de alforrias.

Um conceito central no revisionismo da história da escravidão, é o de *negociação*. Mais do que lutarem contra o sistema, os cativos desenvolveram inúmeros modos de negociar a fim de assegurar os direitos que acreditavam possuir. Muitas fugas estavam entrelaçadas com um desejo de negociar com o senhor direitos e melhores condições de vida. Essas evasões ocorriam em consequência de uma quebra de negociação por parte do senhor ou pela impaciência escrava de esperar o sucesso de algum pedido ou demanda. Denominadas de “fugas reivindicatórias” tais fugas surgidas no contexto de alguma negociação, não tinham como objetivo um rompimento radical com o sistema escravista, elas eram uma forma de estratégia dentro das negociações. Esse tipo de fuga foi chamado pelos franceses de *petit marronage* (AMANTINO; FLORENTINO, 2012, p. 239).

Para tantos casos e causas de fugas que existiram, encontramos milhões de escravos que sequer tentaram fugir, que se adaptaram ao cativo. Existiu muitos pontos que impediram essa ação, como a vigilância constante da sociedade escravista,

as ameaças de castigos caso retornassem a seus senhores, os capitães do mato, as dificuldades de se manter fugido, as difíceis condições de vida durante a fuga, etc. Para Flávio Gomes, por sua vez, não se pode generalizar e nem simplificar as lógicas utilizadas pelos escravos fujões, pois a fuga era uma ação única e vivenciada por cada escravo de uma forma diferente a partir do significado que cada um poderia ter de suas vivências no cativeiro. Assim, leva em consideração tanto o meio em que o escravo vivia como a sua socialização dentro da sociedade escravista (GOMES, 1996, p. 6).

Traçando uma análise sobre as fugas escravas, é imprescindível trabalhar com os conceitos destacados pela da historiografia inglesa, mais especificamente, o trabalho do historiador Edward Thompson, sobre a formação da classe operaria inglesa, onde foi cunhado o conceito da história vista de baixo, onde o que era problematizado era a “experiência” da massa do povo no passado a luz de sua própria expectativa. O foco mudava – do econômico e social, passava-se para o cultural. Analisar essas experiências, significa estudar o processo social que as firmaram, junto às suas tradições acumuladas, buscando interpretar os significados que esses agentes sociais davam as suas ações (THOMPSON, 1981, p. 189).

Thompson irá argumentar que o conceito de experiência histórica serviria para que os historiadores percebessem que não é possível pensar uma determinada classe social separada da outra, ou propor graus de importância e autenticidade entre elas. O processo de auto formação acontece efetivamente a partir das experiências históricas conquistadas e apreendidas por homens e mulheres concretas. As experiências históricas e suas articulações são inevitáveis e contínuas. Elas têm a função de exercer uma pressão sobre a consciência social, determinando a construção de materiais humanos conscientes de seus papéis na sociedade de classes. Por esse prisma, Thompson acrescenta, que do ponto de vista empírico é através das experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas. (THOMPSON, 2008, p. 48). Atentar para as relações entre os diversos personagens sociais a fim de estruturar uma teia de relações, é o necessário para entender como essas experiências nos possibilita historicizar a construção de uma relação de poder sobre o discurso de verdade. Os novos estudos irão se inspirar nessa concepção de Thompson, que, por meio da categoria de “experiência”, salientou as práticas de resistência cotidiana e as negociações entre os grupos inferiores e superiores da sociedade. Uma renovação das técnicas de pesquisa e das fontes de pesquisas também contribuíram para esse processo.

O jornal pode ser uma fonte privilegiada para nos aproximar do pensamento coletivo de uma determinada época, uma vez que podem trazer à tona os elos necessários para recompor um momento histórico. Nessa perspectiva, o uso da imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica, vem permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas manifestações de vida, sejam elas culturais, políticas, econômicas, etc. As narrativas de anúncios de fuga não revelam apenas imagens de escravos e suas estratégias de fuga, mas também o convívio de escravos com a sociedade escravista, recriações culturais, o cotidiano do relacionamento entre senhores e escravos e como escravos forjavam uma cidade atlântica a partir de lógicas próprias. Vêm à tona nesses anúncios pequenas biografias expondo faces inusitadas da vida escrava,

acopladas com as mudanças sócio-políticas na cidade do Rio de Janeiro, que vão muito além da mera resistência.

Realizando uma abordagem mista, ou seja, abordagens qualitativas e quantitativas, ainda que seja pretendido privilegiar a quantificação dos dados coletados (cor, naturalidade, faixa etária, sexo, nação, ocupação, local de fuga e o tempo de fuga), alguns estudos de caso serão vistos, como levantamento de dados sobre as motivações que conduziam um escravo à fuga, compreendendo e interpretando determinados comportamentos e expectativas desses indivíduos. Recuperando a lógica dos escravos e reconstituindo os universos sociais da escravidão (práticas de motivações, controle social, violência, etc), procuramos entender e responder questões como: o perfil desses escravos evadidos; as razões de uma fuga; as estratégias de sobrevivência; e as tensões do universo da fuga. Posto isso, utilizando o periódico jornal “O Diário do Rio de Janeiro” como fonte, pelo contato mediado por meio da Hemeroteca Digital Brasileira², nos foi dado acesso às publicações diárias de anúncios de fugas e de escravos entre 1840 e 1850. Computamos exatamente um total de 5.059 anúncios de fugas escravas que ocorreram dentro e fora da cidade do Rio de Janeiro publicados no Diário.

A composição dos anúncios de fuga

Tabela 1: Escravos africanos e brasileiros fugidos anunciados no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)³

Naturalidade	Escravos	%
Africana	3317	65,5
Brasileira	1063	21
Desconhecida	679	13,5
Total	5059	100

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

De acordo com os dados da Tabela 1, de um total de 5.059 casos de escravos fugidos anunciados no Diário, 3.317 (65,5%) são de origem africana e 1.063 (21%) são escravos que nasceram no Brasil, também chamados de crioulos. Há um total de 679 (13,5%) escravos que não foram identificados nem como africanos e nem como crioulos. A massiva presença de africanos nos anúncios indica que os mesmos tiveram mais do que o dobro de casos de fugas do que aqueles nascidos no país. Dentre os fujões crioulos, 28,1% - correspondente à 299 escravos - tiveram sua origem identificadas, são elas: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Alagoas, Espírito Santo, Maranhão, Pará, Paraíba, Sergipe, e somente 29 escravos tiveram a origem carioca definida.

² Site de pesquisa de periódicos brasileiros que se encontram digitalizados. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

³ Na naturalidade “Desconhecida” foram inseridos os escravos fugitivos que não foram identificados por seus senhores como africanos ou brasileiros.

Esta preponderância de escravos africanos revela a força do Trato d'África, não obstante a Lei de 7 de Novembro de 1831, a Lei Feijó, ou como ficou popularmente conhecida a “lei para inglês ver”. Vários tratados foram firmados na primeira parte do século XIX, quando a Grã-Bretanha passou a realizar uma ampla campanha visando à abolição do tráfico em vários países, entre eles, o Brasil. Desta forma, foi promulgada a Lei Feijó, que tinha como premissa a extinção do tráfico de escravos no Brasil. Porém esta lei teve pouco efeito prático, pelo menos no que se refere ao período imediato à sua promulgação. Assim, ao cabo de quase uma década de negociações com Portugal e o Brasil, nenhum tratado anglo-português efetivo contra o comércio de escravos foi firmado, nem artigos essenciais relativos a equipamento e desmantelamento tinham sido acrescentados ao tratado anglo-brasileiro. O resultado é que, durante todo esse período, os poderes da Marinha britânica para suprimir, ou sequer conter, os comércios ilegais de escravos para o Brasil permaneceram severamente limitados (BETHELL, 2002, p. 148).

Em 1950 esse contexto sofre mudanças, assim como a predominância da presença africana no Brasil, com a abolição efetiva do tráfico internacional de escravos em 1850, com a Lei Eusébio de Queirós. Como era de se esperar, a interrupção do tráfico internacional de escravos, que era praticado em grandes proporções desde meados da década de 1830 e vinha sofrendo pressão britânica desde meados da década de 1820, incidiu diretamente sobre a taxa de crescimento da população escrava, com o estancamento do fluxo de novos africanos para o país, resultou em uma “crioulização” e na “ladinação”⁴ da população cativa brasileira (SALLES, 2008, p. 25). Possivelmente podemos encontrar essa conjuntura refletida nos dados em relação as fugas escravas, onde até 1850 foi encontrado uma maior quantidade de negros de origem africana anunciados, por serem também em maior quantidade entre os cativos naquele período na cidade do Rio de Janeiro.

Tabela 2: Naturalidade e gênero dos escravos fugidos anunciados no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)

Naturalidade	Homem	%	Mulher	%
Africana	2572	50,8	745	14,7
Brasileira	852	17	211	4
Desconhecida	534	10,5	145	3
Total	3958	78,3	1101	21,7

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

Na tabela 2, foi correlacionado a naturalidade ao sexo do escravo. A presença masculina nos anúncios é majoritária, sendo que em 50,8% dos casos anunciados temos africanos homens, enquanto que somente 17% são homens nativos do Brasil. Na

⁴ Os africanos já adaptados ao Brasil e que dominavam o português eram chamados de ladinos, em contraposição aos boçais, recém-chegados da África.

categoria feminina, as mulheres africanas são as que também se destacam, com aproximadamente 14,7% dos casos; somente 4% foram identificadas como crioulas. Dentre os desconhecidos do sexo masculino temos 534 casos (10,5%) e desconhecidos do sexo feminino temos 145 casos (3%).

A preponderância do sexo masculino nos casos de fuga ocorreu principalmente por conta do maior número de africanos homens em comparação a africanas que desembarcavam no Brasil. As escravas africanas eram a principal fonte de trabalho na África, e por isso tornavam-se mais caras no continente africano, além de não serem tão requisitadas como mão de obra, já que o objetivo principal do trabalho escravo nas Américas era para os árduos trabalhos na produção de gêneros primários.

A menor presença de mulheres entre os escravos fugidos pode ser um indício de que os laços consanguíneos e familiares eram um fator de contenção das fugas. As escravas não somente relutariam em fugir abandonando os filhos, como também encontraria maiores dificuldades de mobilidade caso fugisse levando o rebento. Essa proposição pode ser confirmada pela presença de apenas 21,7% do percentual de mulheres fugidas no Diário do Rio de Janeiro, contra 78,3% do percentual de homens fugidos. Mas ainda assim, houve escravas que fugiram e consigo levaram seus filhos, como a preta Roza, fugida da vila de Maricá, “levando sua cria de quatro anos”.⁵ Os dados sugerem, inicialmente, que as mulheres pouco fugiam, e menos ainda as crioulas. No Diário do Rio de Janeiro, as crioulas totalizaram apenas 211 escravas, menos de 4% dos escravos nascidos no Brasil que foram anunciados nesse mesmo periódico. Se comparadas com as africanas, o percentual torna-se discrepante, pois foram resgatados 745 casos, no caso 14,7% do total de escravos anunciados. Em números absolutos, para cada uma crioula num anúncio de fuga, há quase que outras três africanas.

As escravas fugiam menos ou seriam mais fáceis de serem capturadas, o que tornaria menos necessário anunciar suas fugas? Ao que tudo indica, de fato fugiam menos. Gomes em sua pesquisa em registros policiais de escravos capturados e enviados ao Calabouço (entre 1810 e 1830), também encontrou 89% de homens e 91% de origens africanas. (GOMES; FARIAS; ARAÚJO, 2006, p. 26). Já Mary Karasch que estudou a mesma documentação da polícia, chegou ao percentual de 80% de africanos escravos presos no Calabouço entre 1826 e 1831 e uma população masculina nunca inferior a 85% entre os anos de 1826 e 1828 (KARASCH, 2000, p. 399).

⁵ Diário do Rio de Janeiro, 9/02/1840.

Tabela 3: Cor dos escravos fugidos anunciados no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)

Cor	Escravos	%
Cor de China ⁶	1	0,05
Fula	688	13,6
Moreno	1	0,05
Negro	37	1
Pardo	406	8
Preto	1617	32,1
Retinto	565	11
Desconhecida	1744	34,2
Total	5059	100

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

A cor dos fugitivos era uma informação corrente nos anúncios, em 65,5% dos anúncios encontramos tal dado. Era essencial para a identificação dos foragidos, uma vez que essa característica não deveria ser omitida na descrição de um cativo fugitivo. Em geral, eram identificados como pretos, mulatos, fulas, pardos claros ou escuros. Em 34,2% dos casos não foi identificada a cor dos fugitivos, apesar de a cor ser uma característica essencial para sua identificação e captura, o que revela certa dificuldade de classificar com precisão a cor do escravo.

Tabela 4: Nações africanas dos escravos fugidos anunciados no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)⁷

Nação	Escravos	%
Cabo Corrente	3	0,09
Sufale	3	0,09
Ussá	3	0,09
São Thomé	4	0,12
Ambaca	5	0,15
Mochicongo	5	0,15

⁶ Não foi encontrado qualquer menção sobre a designação “cor de china” na historiografia, supomos que pode estar associado a um escravo que possuía a cor da pele mais clara.

⁷ Decidimos identificar na tabela apenas as denominações que tiveram mais de 2 ocorrências. As que tiveram apenas 1 africano identificado são: Ambaque, Bihé, Caculla, Camundá, Cubango, Embaca, Genja, Lepol, Maiabana, Maiombe, Megumbe, Micajen, Moano, Molalé, Mondongo, Mouro, Mujambe, Nabanto, Osan, Osquicama, Punguandongo e Sena. E as denominações em que foram identificados apenas 2 africanos são: Ambriz, Cabo Lobo, Cabo Verde, Libolo, Loanda, Male, Muteca e Mutembo.

Mofumbe	5	0,15
Camundongo	6	0,18
Becca	7	0,21
Macua	11	0,33
Quiçamã	11	0,33
Songo	13	0,39
Macena	18	0,54
Calabar	23	0,69
Ganguela	23	0,69
Cabundá	28	0,84
Nagô	28	0,84
Moange	39	1,17
Monjolo	85	2,56
Inhambane	93	2,8
Rebollo	110	3,31
Quilimane	116	3,49
Cassange	188	5,66
Mina	231	6,9
Angola	334	10
Cabinda	389	11,7
Congo	393	11,8
Benguela	451	13,5
Moçambique	595	17,9
Desconhecida	59	22,2
Total	3317	

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

Em um total de 4.380 de anúncios em que os senhores informaram a origem do escravo, 3.317 eram oriundos da África e 1.063 eram brasileiros, de acordo com a tabela 1. Desses africanos anunciados, apenas 59 escravos não tiveram uma região africana definida – seja por serem desconhecidas para os seus senhores ou simplesmente por não terem informado. Algumas dessas denominações estão associadas a determinadas regiões da África: África Ocidental, África Oriental e África Centro-Ocidental. Preponderam os escravos capturados na região Centro-Ocidental e embarcados nos portos de Benguela, Cabinda, Congo, Angola (Luanda): Ganguela, Camundá, Cassange,

Libolo, Monjolo, Quissamã, Rebolo, Umbaca. Correspondem a 61% dos africanos anunciados, mais da metade. Capturados na África Centro-Occidental, eram vendidos nos portos atlânticos sob domínio lusitano. Robert W. Slenes nos mostra que cerca de 88% dos escravos africanos presentes no Brasil entre 1826 e 1866, eram africanos centro-ocidentais (SLENES, 2018, p. 64).

Em seguida, com 24,6% de presença nos anúncios do Diário do Rio de Janeiro, estão os africanos orientais, conhecidos como Inhambanes, Quilimaes, Senas e Makuas, comerciados em Moçambique. Essa região só passou a ser requisitada para o tráfico de escravos ao fim do século XVIII. Segundo Edward Alpers, o desenvolvimento do comércio negreiro na África Oriental se deu por três motivos: (1) o aumento do preço dos escravos centro-ocidentais em relação ao baixo preço dos africanos orientais; (2) a autorização do tráfico para a região do Rio da Prata, que incentivou o tráfico do Sudeste da África; (3) a pressão diplomática britânica em relação à abolição do tráfico negreiro, o que limitou o tráfico legal ao hemisfério abaixo da linha do equador (ALPERS, 2018, p. 84). Embora essa região não seja a de maior expressão nos anúncios, os africanos genericamente identificados como “moçambiques” são os que aparecem em maior número, 595 correspondentes a 17,9% dos africanos anunciados.

E com apenas 8,7% de escravos anunciados, temos os africanos da África Ocidental: Cabo Verde, Calabar, Costa da Mina, Mina, Mina Ussá, São Thomé, Ussá, Nagô, Mina Geyge e Mina Ginge. Estima-se que os cativos dessa região constituíram cerca de 25% dos escravos desembarcados desde o início do comércio de escravos para o Brasil.

Tabela 5: Faixa etária dos escravos fugidos anunciados no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)

Idade	Naturalidade						Total
	Africana	Africano	Brasileira	Brasileiro	Escrava com naturalidade desc.	Escravo com naturalidade desc.	
5 a 15	30	116	16	106	10	61	339
15 a 25	92	569	24	221	18	129	1053
25 a 35	66	319	32	103	17	36	573
35 a 45	62	185	22	43	8	18	338
45 a 55	13	57	0	15	4	7	96
55 a 65	3	9	0	3	1	2	18
65 a 75	0	1	0	0	0	0	1

75 a 85	0	0	0	0	0	1	1
Idade desc.	479	1317	117	360	87	280	2640
Total	745	2573	211	851	145	534	5059

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

Quanto à faixa etária desses escravos, recuperou-se a idade de 2.419 deles. Esses números são relevantes no sentido de perceber qual a faixa etária dos escravos que mais fugiam, além de formular hipóteses sobre seu perfil. Com a maior expressão de casos, estão os escravos que pertencem a faixa entre 15 e 25 anos de idade com 20,8%, 1.053 casos, e a faixa etária com menor número é a entre 65 a 75 anos e 75 a 85 anos, com apenas 1 caso encontrado para cada uma. Observa-se que entre os escravos da faixa de 15 a 25 anos, o maior número é de homens africanos, o que se harmoniza com a lógica do tráfico atlântico, que priorizava a importação dos homens jovens para a América.

Observamos que a faixa etária de 5 a 15 anos foi expressiva nos anúncios de fuga, cerca de 6,7%, e nesse caso o número de crioulos quase alcança o de africanos em termos absolutos, o que revela que em termos relativos (considerando a maior porcentagem de africanos no total da população escrava), as crianças crioulas fugiam mais. As menores idades identificadas nos anúncios foram uma de 5 anos e outra de 6 anos. Fugas nessa idade eram incomuns, como Paulo, de apenas 6 anos, crioulo, descrito pelo seu senhor como “muito falante” e que “sabia muito bem o nome do seu senhor”, que se chamava Manuel Antônio Pereira.⁸ Para as crianças, a fuga era muito complicada, já que era difícil conseguirem sobreviver sozinhas diante das adversidades de uma vida fora dos cativéis. Sem exercerem algum tipo de ocupação especializada, que servia como mecanismo de troca, e circulando pelas ruas da cidade, elas eram facilmente notadas pelas autoridades e pelos transeuntes.

Cabe ressaltar a presença modesta dos escravos entre 45 a 55 anos, e com mais 55 anos de idade, já quase idosos ou idosos (mais de 50) pelos padrões da época. Mas ainda assim fugiam, como Joana, de 50 anos, nação Benguela, que fugiu do Morro do Livramento⁹; ou o pardo Salvador, com 80 anos – nosso fujão mais velho encontrado nos anúncios – que “falava muito bem espanhol” e se “intitulava forro”¹⁰. Uma explicação para esse baixo percentual pode ser a concessão de cartas de alforrias – por serviços prestados ou por compra –, o que realmente era algo mais acessível, seja pelos muitos anos de trabalho prestado ao senhor, seja por terem tido tempo para amedrontar o pecúlio que lhes permitiria comprar a carta de alforria.

Senhores como redatores de anúncios e suas expectativas

Até agora procuramos traçar o perfil dos escravos fujões que levaram os seus senhores a recorrer ao Diário, abordando esses fugitivos anunciados de acordo com suas

⁸ Diário do Rio de Janeiro, 03/10/1842.

⁹ Diário do Rio de Janeiro, 29/10/1842.

¹⁰ Diário do Rio de Janeiro, 03/03/1847.

origens, faixas etárias, cor e gênero. Mas sabe-se que não eram todos os escravos fugidos que tinham suas fugas anunciadas pela imprensa, pois muitos voltavam ao domínio senhorial antes que o senhor se propusesse a escrever um anúncio sobre a sua fuga. Esses eram os escravos que voltaram ao domínio senhorial por conta própria, quiçá já apadrinhados, o que significava que tinham arranjado alguém que iria interceder por eles, para que não fossem castigados pelos seus senhores, ou mesmo conseguissem que o senhor realizasse o desejo contrariado que os levou a fugir.

Diversos senhores não tiveram a sorte de encontrar os seus escravos desaparecidos, mas nem por isso a imprensa motivou todos a recorrerem a esse método para reaver a sua propriedade. Esses senhores que publicaram no Diário do Rio de Janeiro seus anúncios, representavam apenas uma parcela do universo dos senhores com escravos foragidos na cidade do Rio de Janeiro. Muitos quiçá acreditassem na eficácia de outros meios de reaver o escravo fugido, e muitos, senhores de poucos escravos, não tinham condições financeiras para publicar o anúncio em um jornal.

Contabilizamos 408 anúncios de fuga escrava repetidos, aproximadamente 8% dos casos. O Escravo “Guilherme”, “35 anos”, “de nação Cabinda” e “cozinheiro” teve sua fuga anunciada pelo seu senhor em cinco edições diferentes, nos dias 20, 26 e 27 de maio, e 1 e 2 de junho, o que indica tanto o extremo desejo em reavê-lo como a dificuldade em sua captura.

Muitos dos anúncios do diário, continham o nome e o local de entrega ou fuga dos escravos. Os locais de entrega dos anúncios eram predominantemente urbanos, mas não podemos afirmar que os senhores residiam nestes endereços. Muitos senhores domiciliados nas regiões rurais do Rio de Janeiro também possuíam casas na cidade. Poucos senhores informaram o local de entrega e o local de fuga simultaneamente.

Tabela 6: Moradia dos senhores de escravos fugidos anunciados no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)

Moradias	Contagem
Fora da cidade do Rio de Janeiro	277
Freguesias rurais da cidade do Rio de Janeiro	406
Freguesias urbanas da cidade do Rio de Janeiro	1769
Embarcações	80
Desconhecida	2527
Total	5059

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

Não delimitamos somente as fugas de escravos urbanos, resolvemos usar todos os anúncios disponíveis, mesmo as fugas ocorridas nas freguesias rurais da cidade do Rio de Janeiro, correspondentes a 8% dos anúncios (406). Não é improvável que esses senhores das freguesias rurais preferissem os métodos tradicionais: os capitães do mato e a fixação de cartazes nos adros das igrejas. E quiçá acreditassem que seus escravos fujões não teriam ido muito além dos limites da freguesia. Em contrapartida, aqueles

que anunciaram nos jornais acreditariam que os fujões teriam ido para a Corte, para o centro urbano. Considerando essa possibilidade, o escravo estaria dentro da cidade do Rio, sendo assim, dentro de nosso campo de estudo de acordo com nossa metodologia. Os senhores de 2.532 escravos fugidos declararam seus endereços. Destes, 277 (5,4%) pertenciam a proprietários residentes fora da cidade. Tudo indica que os proprietários que anunciavam no Diário do Rio de Janeiro, principalmente os residentes na cidade, recorriam ao periódico por acreditarem que seus escravos continuavam pelas ruas movimentadas da cidade.

Foram resgatados 1769 casos, 35 % dos anúncios, em que as fugas/endereços desses escravos estão localizadas dentro da cidade do Rio de Janeiro. É provável que a maior parte dos escravos da Corte não fugiam para as matas ou para outros locais distantes da cidade, preferiam permanecer dentro da própria cidade. Para Rugendas, os negros fugidos na cidade do Rio não recorriam as florestas ou o interior do país, pois mesmo com a existência dos quilombos localizados nessas áreas, esses cativos temiam os índios, assim como os perigos da vida na floresta, como a fome, os animais perigosos, etc (RUGENDAS, 1979, p. 284).

Os senhores escreviam anúncios de fuga nos jornais, vale reiterar, por acreditarem que assim conseguiriam capturar os seus escravos. Nas narrativas dos anúncios havia grande honestidade na descrição dos escravos, não se omitindo nenhuma doença ou sinal relevante, pelo menos dos escravos do sexo masculino. Esses anúncios de escravos valorizavam os tipos físicos e as características culturais dominantes no mundo senhorial, isto é, os escravos eram descritos nos jornais segundo as características que mais chamavam a atenção dos senhores (FREIRE, 1979, p. 50). Todo esse esforço e empenho visava facilitar e abreviar o tempo de captura do escravo fujão.

São minuciosas as descrições. O escravo Bernardo que fugiu no dia 4 de julho de 1847, foi descrito da seguinte forma pelo seu senhor: “18 a 20 anos, estatura regular, corpulento, tem uma cicatriz entre as sombrancelhas, que lhe toma parte da testa, o côncavo do nariz pendendo para o lado direito até o olho, signaes de ventosas no pescoço de ambos os lados, e de uma pequena ferida do lado esquerdo”¹¹.

Não se declarava nos anúncios somente o nome, nação, idade aproximada, cor ou profissão, os aspectos físicos também faziam parte do corpo do anúncio. Os sinais de doenças, feridas, mutilações e deficiências também eram descritos pelos senhores em seus anúncios, afim de que esses fujões pudessem ser reconhecidos com mais facilidade, sem deixar lugar para a dúvida acerca da identidade do fujão. A crioula Plácida foi descrita pelo seu senhor como uma preta “marcada de bexigas na cara”¹² e a parda Rita por ser “marcada de bexigas no corpo e pouco na cara”¹³. Já o escravo Miguel, foi descrito da seguinte forma: “tem de um lado um signal de chicotada, sobre a testa outro signal de chicotada ao pé do olho direito”¹⁴. No dia 21 de dezembro de 1841, fugiram os pretos

¹¹ Diário do Rio de Janeiro, 04/07/1847.

¹² Diário do Rio de Janeiro, 29/04/1844.

¹³ Diário do Rio de Janeiro, 03/09/1847.

¹⁴ Diário do Rio de Janeiro, 14/09/1847.

José e Antônio, ambos com marca de fogo no corpo, um com “L no peito direito” e o outro com “G no braço direito”¹⁵. A preta Tereza era “mal encarada e cocha de um pé”¹⁶.

O que os anúncios não traziam era o motivo da fuga do escravo. Ou os senhores não tinham uma clara compreensão dos motivos ou, o que é mais provável, não podiam admitir as razões (a vida dura, os trabalhos excessivos, as humilhações, os castigos) que levavam o escravo a fugir. Assim, enxergariam nessas ações uma forma de transgressão natural, uma propensão natural a fugir, ou então, procuravam atribuir ao escravo características negativas e condenáveis, adjetivos pejorativos que ressaltavam os seus vícios, os seus deslizes e pequenos delitos. Apesar de muitos anúncios ressaltarem também as qualidades profissionais dos escravos e suas relações familiares – as quais podiam ser mais úteis para sua captura -, em muitos encontramos apenas as características negativas do escravo, como aquelas que o senhor do preto Alexandre, de 40 anos, que fugira no dia 3 de março de 1840 de um sítio da Boa Vista, atribuiu a ele: “viera para a cidade, como costuma, logo que foge, a fim de ganhar para nutrir o vício da bebedeira”.¹⁷ Já o senhor do escravo Antônio o descreveu como tendo “olhos avermelhados e proeminentes, é muito bêbado”¹⁸. Já o escravo de nação monjolo que não teve o seu nome mencionado, foi descrito como alguém que “fala muito pouco, por ser bastante estúpido”¹⁹.

Os proprietários anunciantes buscavam com os anúncios não somente avisar as autoridades ou aqueles que se dispunham ou se dedicavam a capturar escravos com o fito de ser recompensado, mas procuravam também conseguir a empatia e obter a solidariedade de seus pares, a ajuda de outros senhores que conheciam o “drama” de um senhor privado do trabalho de seu escravo e que se reconheciam nesta desdita que a qualquer momento poderia ser também a sua. Os anúncios reforçavam, assim, a solidariedade entre senhores e a identidade da classe senhorial.

Acoitamento e sedução no Diário do Rio de Janeiro

Os problemas de um negro fugido poderiam ser grandes. Alguns deles, na ausência de um lugar para residirem se sujeitavam a viver misturando-se aos mendigos; outros enfrentavam os perigos das florestas que rodeavam a cidade; e houve quem enfrentasse as estradas repletas de capitães do mato com destino a algum quilombo ou até mesmo a outras cidades. A opção de se passar por liberto havia riscos, como o de sua identidade ser descoberta por alguém, ou ainda, de ser capturado por um grupo de ladrões. Em meio a estas dificuldades, a opção recorrida por muitos foi a de estabelecer vínculos com outras pessoas, sendo elas escravizadas ou livres.

Muitos negros durante suas evasões recorriam às chamadas “casas de quilombo”, precursores das chamadas “casas de Angú” (ou simplesmente Zungú), muito populares na cidade durante a segunda metade do século XIX. O historiador Carlos Líbano Soares

¹⁵ Diário do Rio de Janeiro, 08/04/1843.

¹⁶ Diário do Rio de Janeiro, 02/12/1848.

¹⁷ Diário do Rio de Janeiro, 09/03/1840.

¹⁸ Diário do Rio de Janeiro, 01/05/1843.

¹⁹ Diário do Rio de Janeiro, 11/07/1848.

realizou um estudo sobre as casas de angu e, segundo ele, elas pertenciam ao extrato mais baixo da sociedade, ou seja, escravizados e libertos. Soares destaca as muitas oportunidades de sociabilização entre esses dois grupos nessas “casas”, entre elas a utilização como ponto de encontro, local para práticas religiosas, lugar de acolhimento de negros evadidos ou de passagem, esconderijos e etc. Essas casas acoitaram e esconderam muitos negros durante suas aventuras, e assim eram tidas pela sociedade como um refúgio de tudo aquilo que a sociedade subjugava, não sendo à toa que a maior parte das investigações da polícia era dirigida a estes estabelecimentos (SOARES, 1998, p. 29).

Alguns proprietários acoitavam negros fugidos visando a utilização de sua mão de obra, mesmo correndo o risco de serem acusados de furto de escravos, crime que quase sempre levava à condenação. Encontramos em diversos anúncios o receio e a desconfiança da parte dos senhores de que as suas propriedades estivessem sendo acoitadas por alguém. O senhor do africano José de nação Cabinda, suspeitava que ele trabalhava em alguma obra pela cidade na parte do dia e que à noite era acoitado por algum cigano. Os ciganos eram conhecidos por furtarem negros - em especial aqueles em fuga - e os comercializarem. A compra de negros roubados de ciganos e de outros ladrões era um negócio lucrativo, pois o preço era muito menor do que o do mercado formal.

Esses negros evadidos também contavam com a ajuda de outros grupos de pessoas. Os motivos podiam ser tanto a necessidade de mão de obra barata, como a oportunidade de negociar os objetos roubados pelos negros, sem falar da rede de sociabilidade, de amigos e parentes que buscavam salvar alguém do cativeiro. A existência desses variados tipos de aliança é um dos aspectos mais reveladores dos estudos sobre evasão escrava, pois nos mostra a capacidade que esses homens possuíam ao estabelecerem redes de solidariedade e de interesse, mesmo diante das limitações dadas pelo cativeiro. Por isso, mais do que compreender as causas e as motivações desses fugitivos, podemos analisar essas evasões como uma forma de instrumento para entendermos o convívio desses escravizados com outros sujeitos da sociedade.

Alguns senhores mencionavam uma suposta sedução em seus anúncios, acreditando na incapacidade de seu cativo em agir por vontade e ambição próprias. Nestas fontes, o sedutor era aquele que ou acobertava ou incitava o negro a fugir, ou ambos. Por meio do estudo desses fragmentos de jornais do XIX, podemos perceber que havia essa certeza ou desconfiança por parte dos senhores, como no caso da africana América, de nação Benguela: seu senhor tinha “toda a certeza de que foi seduzida, por ser preta recolhida, e que não sahia à rua, e por isso proceder-se-ha contra o sedutor”²⁰. Já o senhor da parda Anna, tinha a certeza de que ela havia sido seduzida como também sabia que estava refugiada, “pois ignora as ruas d’esta cidade”, e estava seduzida “por um pardo carpinteiro de machado”. Para esses senhores, as africanas América e Anna não fugiram por motivações próprias, mas porque foram seduzidas, seduzidas talvez para serem usufruídas tanto como amantes quanto como mão de obra, utilizando-se de seus serviços de cama e mesa. A insistência por parte dos senhores em afirmar que os cativos fugiam por terem sido seduzidos, seria uma autoafirmação de supremacia, de

²⁰ Diário do Rio de Janeiro, 19/02/1840.

propriedade e da dependência do seu escravo, até mesmo quando a situação de fuga o desmentia. Porém, também poderíamos entender que quando o senhor mencionava a existência de um possível “sedutor” para o desaparecimento do seu negro, também chamado de couteiro ou acobertador, ele não estava apenas reivindicando sua supremacia perdida, mas também comunicando um problema, seja qual for a utilização que outras pessoas estavam dando às suas propriedades.

Identificando os evadidos: marcas da insubmissão negra

Algumas considerações sobre as evasões escravas se fazem necessárias, pois embora elas se destaquem pela forma particular como foi encarada por cada negro, elas não eram um ato explicado simplesmente pela personalidade do evadido. As fugas escravas sempre estiveram presentes, com seus significados em constante reprodução nas cidades escravistas, sendo compartilhadas por diversos lugares sociais diferentes.

Ainda que as fugas fossem anunciadas, revelando as falhas do sistema escravista, não seria melhor que o pleno sucesso de uma evasão fosse ocultado, a fim de não incentivar outras fugas? Por outro lado, o fracasso da fuga deveria ser divulgado pela cidade, as humilhações decorrentes da captura deveriam ser evidentes para a sociedade. Muitos negros andavam pelas ruas do Rio de Janeiro exibindo os tristes sinais dessa vitória senhorial, e após o fracasso de suas evasões, voltavam ao trabalho escravo, nas mesmas condições ou talvez até piores que antes, quando não eram açoitados como uma punição pela sua transgressão. Depois de retornar de uma evasão ficavam ainda mais vigiados, e maiores seriam as exigências senhoriais, além de atraírem a atenção de todos por onde passavam.

Sobre os instrumentos utilizados pelos senhores para castigar e reprimir os negros que não conseguiram obter êxito em suas empreitadas, houve uma série de severas e humilhantes punições a serem aplicadas de acordo com a gravidade e a frequência das suas evasões. Os corpos desses negros expõem as cicatrizes das chibatadas que tomaram pela desobediência; outros capturados, além do costureiro açoite, eram colocados na prisão do Calabouço para permanecerem algum tempo; e para aqueles mais persistentes em sua busca pela liberdade, acabavam sendo vendidos para fora da cidade, muitas vezes rompendo seus laços familiares e sua rede de sociabilidade na cidade. Porém, nenhuma dessas punições era carregada com tanto simbolismo de repressão às evasões como os humilhantes colares de ferros. Através desse tipo de castigo desumano, toda a cidade poderia identificar um negro que havia rompido com o domínio senhorial, e ver quão problemático ele era para seu senhor e para o sistema escravista.

Essas argolas de ferro serviam não só para identificar a rebeldia de um escravizado e castigá-lo, mas também dificultava uma nova tentativa de fuga, atrapalhando os seus movimentos; as hastes desses colares facilitavam na hora de alguém imobilizá-los, pois com um puxão somente poderiam ser asfixiados, causando fortes dores no pescoço. As marcas de chicote nas costas, sinais de açoite e ganchos no pescoço, todas elas acenavam para as insubordinações desses homens e mulheres, e

confirmam a violência da instituição escravista, que não hesitava em reprimir com severidade os negros, principalmente quando se tratava de um fugido.



FIGURA 1: Prancha Nº 42 de Debret, “O colar de ferro, castigo dos negros fugitivos”(DEBRET, 1989, prancha nº42).

A imagem mostra como os fujões eram punidos após o triste fracasso de suas fugas, e o retorno ao domínio de seus senhores e ao seu antigo trabalho, tendo que viver sob as mesmas condições, ou talvez até piores. Para o francês, “[...] os negros não passam de grandes crianças cujo espírito é demasiado estreito para pensar no futuro, e indolente demais para se preocupar com ele”(DEBRET, 1989, p. 168). Debret banaliza e minimiza as evasões, tendo-as como uma atitude movida por instinto, principalmente quando se trata dos negros africanos, aqueles que estavam mais afastados da sua concepção “civilizatória”. Para ele, havia algo natural, compulsório e compartilhado entre eles: a fuga. E é por isso, que os senhores precisavam se preparar antecipadamente a esta natureza, para conseguirem sufocar esse sentimento compartilhado. Em sua obra, Debret não ignora as terríveis chibatas, o isolamento, a reclusão social e os trabalhos forçados, que faziam parte dos perniciosos constrangimentos a que os negros estavam submetidos no cativeiro.

Não precisamos seguir vários anúncios de fuga para saber que um escravo tinha um longo histórico de evasões. Indicativo disto é o caso da negra Luzia, de nação Songo, que foi descrita em anúncio de fuga tendo um ferro no pescoço, onde o seu senhor “protesta proceder contra quem a tiver acoitada, e também contra quem lhe tirar o ferro”. O preto José de nação Moçambique fugiu e “levou ferro ao pescoço com uma grossa corrente, tudo isto ele sabe encobrir por dentro da roupa pelo ferro não ter lança”²¹. Outros anúncios deixam claro que não era a primeira fuga, como o relativo a Jorge Monjollo, de quem se desconfiava “que fosse para S. Gonçallo, onde ultimamente foi

²¹ Diário do Rio de Janeiro, 15/06/1850.

apreendido”²². Esses anúncios nos mostram que somente a repressão descrita e defendida pelos proprietários não bastava para evitar a repetição de mais fugas de escravos: se o problema motivador não era solucionado, nada poderia garantir que as táticas de evasão não voltariam a ocorrer, mesmo diante das severas consequências que eram impostas ao retornarem, seja pela força, seja por vontade própria.

As cicatrizes de açoites é um dado que, inicialmente e infelizmente, caracterizava muitos cativos, principalmente os mais revoltos ao sistema. As marcas do chicote também foram deixadas no corpo do africano Lucio, que possuía “nas costas marcas de castigo”, e de quem se desconfiava de que fugira para o Rio do Ouro, onde tinha parentes. Talvez Lucio carregasse marcas de chicote por já ter tentado livrar-se anteriormente para rever a família, ou talvez essas marcas haviam sido feitas por ter sido desobediente ao seu antigo dono, e por isso vendido para outro senhor na cidade do Rio de Janeiro.

Em suma, realizar uma análise das marcas físicas e das doenças apresentadas pelos escravos fugidos, nos permite compreender melhor quais foram as principais moléstias que sofreram a população negra escrava naquele contexto do século XIX. Podemos inferir que esses sinais de castigos foram elementos utilizados pelos senhores na tentativa de recuperar a propriedade evadida, no entanto, nos deixa claro que apesar das importantíssimas resistências construídas pelos próprios africanos e crioulos escravizados, a injustiça e crueldade estavam ali, presentes dentro das relações senhor-cativo na história da escravidão na cidade do Rio de Janeiro.

Viajando no tempo, buscamos compreender a complexa relação entre imprensa, senhores, negros, e leitores dos jornais, através dos anúncios de escravos fujões do Diário do Rio de Janeiro. Entendemos que anunciar uma evasão no jornal não é um ato neutro, mas sim carregado de intensões. Era uma coisa muito bem pensada e planejada pelos proprietários. Paradoxalmente, para ser bem-sucedido em sua fuga, o escravo precisava estar bem inserido no mundo da escravidão; para esconder a sua condição de fujão, o escravo precisava contar com as relações pessoais e profissionais que entreteve durante sua vida no cativeiro. Carregando os seus instrumentos de trabalho a fim de continuar exercendo o ofício que aprendera quando escravo, dissimulando sua condição através de documentos falsos, ou contando com as relações de parentesco, compadrio e amizades, tudo isto era decorrência de sua experiência enquanto cativo.

Dessa forma, os africanos e crioulos fujões, anunciados no Diário do Rio de Janeiro, não eram pessoas que viviam à margem da sociedade que os escravizara e oprimira, não eram pessoas anônimas, inadequadas e revoltadas, como uma parte da historiografia outrora os pensou. Os escravos, quando fugiam, não o faziam por não estarem ainda adaptados à sociedade. Ao contrário, estavam tão adaptados e socializados com as práticas e costumes da escravidão urbana, que por isso conseguiram encontrar as brechas existentes dentro do próprio sistema, usando-as para se reinserirem dentro sistema em melhores posições. Movidos pela esperança de viver uma vida mais digna – dentro ou fora do domínio senhorial –, esses fugitivos nos revelam que suas fugas não eram ações impensadas, e sim planejadas e repletas de significados. As “visões da liberdade” que tinham engendraram caminhos próprios dentro e fora dos

²² Diário do Rio de Janeiro, 05/03/1849.

limites do cativeiro. Diante do impasse, quando as formas de negociação que cotidianamente fazia com seu senhor se esvaneciam, a fuga se apresentava como uma alternativa, seja para restabelecer a negociação, seja para romper definitivamente com sua condição de cativo. Nem todos os escravos fugiram, mas pudemos conhecer uma significativa parcela de pessoas escravizadas que se dispuseram a este empreendimento durante o transcurso de sua experiência de cativeiro no Brasil.

Referências

AMANTINO, Marcia; LORENTINO, Manolo. Fugas, quilombos e fujões nas Américas (séculos XVI-XIX). *Análise Social*, 203, XLVII (2.º), 2012.

BETHELL, L. *A abolição do comércio brasileiro de escravos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1979

GEBARA, Ademir. “Escravos: fugas e fugas” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, 1986, pp. 89-100

GOMES, Flávio. “Jogando as redes, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista”, in: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1 no.1, pp. 67-93, 1996.

GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto; ARAÚJO, Carlos. Eduardo. M. De. *Cidades Negras: Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista – Século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Alameda, 2006.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Crime e escravidão: Trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas 1830-1888*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987

MOURA, Clóvis. *Rebeliões de senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Escravidão negra em São Paulo: um estudo das tensões provocadas pelo escravismo no século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977

RUGENDAS, Johan Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. (Orgs). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 513 p.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Zungu: rumor de muitas vozes*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. *A economia Moral da Multidão na Inglaterra do Século XVIII*. Lisboa: Antígona, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.